

Entre brincadeiras, silêncios e conversações: interagindo no campo com crianças numa favela à beira-mar em Fortaleza ¹

Deiziane Pinheiro Aguiar (UFC/CE)

Palavras-chave: Etnografia; Crianças; Violência.

O objetivo deste artigo é descrever e problematizar a construção de um acesso etnográfico com crianças moradoras de uma favela à beira-mar em Fortaleza. Desde que iniciei etnografia com crianças, em 2014, tenho me questionado sobre como elaborar a inserção com esses sujeitos sociais. Atualmente, estou acompanhando uma família que perdeu um jovem chacinado – Mateus, 22 anos – em agosto de 2015 no Serviluz, no segmento da Estiva, área de conflito armado classificada localmente como uma das mais bem armadas e com o “comando” de tráfico mais organizado e equipado. A mãe e os três irmãos do jovem presenciaram a execução dentro de casa. Rosa (8 anos), Eduardo (11 anos) e Carlos (12 anos) relataram suas lembranças, saudades e possibilidades de um futuro distinto do irmão assassinado, que era reconhecido como estando envolvido no crime. Rosa é a que mais se expressa sobre isso, narrando as brincadeiras que tinha com Sérgio e não crê no evento: “Eu me belisquei para saber se era verdade”. Eduardo raramente se manifesta, quase sempre em silêncio quando a família comenta sobre o fato. Carlos problematiza a questão num outro aspecto: “O crime não compensa, o crime é mau”. Foi nesse contexto de interação que duas ferramentas metodológicas foram sendo elaboradas: a brincadeira e a conversação com as crianças. Na busca de acessar seus modos de falar, silêncios e manifestações em situações de perda por violência letal e de esgarçamento da rede de relações sociais, mas também do laço parental. Ao me dispor a escutar, brincar e conversar com as crianças, seja na casa dos três irmãos ou em outros espaços da favela, além da interação com outras crianças de sua vicinalidade, que venho construindo meu campo, ampliando a compreensão dos eventos críticos ocorridos cotidianamente no Serviluz. A brincadeira, que pode ser pensada alternadamente como objeto e metodologia, facilita a aproximação com as crianças e também permite compreender como elas pensam as situações dos ameaçados de morte a partir de suas práticas narrativas. A brincadeira tornou-se recurso sério para a pesquisa do ponto de vista metodológico e também das condições

¹ Trabalho apresentado na 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2016, João Pessoa/PB.

existenciais, intersubjetivas, de convívio humano em campo. Na conversação, utilizo duas maneiras de trabalhar, as registradas por um gravador de voz ou as livres (ambas conversas informais). A convergência entre brincadeira e conversação tem possibilitado uma ampliação da experiência de campo, principalmente, no que tange à construção do difícil acesso aos eventos críticos de violência letal sofrido e presenciado pelos sujeitos. Os discursos com seus silêncios e as práticas socioculturais das crianças, como avaliam os eventos e como tais situações influenciam no imaginário infantil são os elementos principais da análise da agência simbólica e moral delas.

As crianças, enfoque nessa investigação, serão consideradas como *reprodutoras interpretativas de cultura*, ou seja, não são meramente consumidoras da cultura social dos adultos, pois suas interpretações abrangem aspectos criadores de sua participação na sociedade, colaboram ativamente para produção e mudanças culturais, e como os adultos, são afetadas pela sociedade e cultura que integram (CORSARO, 2011). Além disto, escutar as crianças se constitui como ato necessário na nossa sociedade, assim como pontuou Corsaro. Escutar não é um ato passivo, escutar é compreender e absorver, afinal, a interação envolvendo escuta e conversa faz transbordar uma transferência, principalmente, da criança para a pesquisadora. Escutar está para além de estar atenta e informada para determinadas categorias que possam emergir nessa escuta, as minhas emoções deveriam estar balanceadas, eu deveria estar parcialmente bem para escutar, pois escutá-las não era uma operação fácil. A minha sensibilidade já era muito aguçada e estar envolvida com crianças que eu já conhecia há algum tempo intensificava meu senso de responsabilidade. Emprestar meus ouvidos como uma amiga, dar um abraço no momento de silêncio e calar quando não parecia ser conveniente a fala. Eu estava tocando diretamente em traumas, dores, marcas cotidianas de violência, fosse ela dentro de casa ou na casa ao lado, na rua, na escola, no projeto, no bairro.

Mesmo que falássemos de brincadeiras, alegrias, os conflitos entrecortavam as conversas, afinal, os conflitos são inerentes à vida social (SIMMEL, 1983). Estava em contato com crianças, mas não qualquer criança, eu era consciência de que a infância delas estava sendo diferente da minha, não só na perspectiva geracional, pois os conflitos e a violência que presenciei foram mais domésticos, enquanto no caso delas, estes estavam espalhados em todos os lugares que mantinham sociabilidades.

Violências simbólicas deixavam marcas mais profundas nas crianças do que a violência física. A memória era rica em detalhes para as situações de violência. O silêncio também entrava em cena e constituía esforço, percepção, aquela dor que não se encontra palavras, o inarrável, mas relatável, o não dito (FOUCAULT, 2011).

O SERVILUZ, FAVELA À BEIRA-MAR

O Serviluz é uma comunidade à beira de praia na cidade de Fortaleza, capital cearense, existente desde meados da década de 1960 ². A configuração das segmentaridades simbólicas no Serviluz são por vezes, dinâmica, *flexível*, e outras vezes, *dura* (DELEUZE E GUATTARI, 1996), onde ambas são potentes em conteúdo e forma. Essa comunidade é entrecortada por fronteiras e áreas de conflito onde ocorrem diversas disputas por território entre facções rivais, assim como, vários conflitos de fronteira e, conseqüentemente, se refletem em disputas armadas letais dentro da “favela”. Alguns desses segmentos territoriais são: Farol Velho (zona de baixo meretrício) ou Favela, Titanzinho (onde há a maior concentração da rede de parentesco e onde o surfe é destaque), Estiva (que surgiu em 1960, juntamente com o segmento do Farol e foi ocupado por Estivadores e suas famílias. A permanência destes trabalhadores se justificava por ficarem mais próximos do local de trabalho), Campo do Paulista (segmento dos comerciantes locais e dos donos de peixarias), Rua do Bagulho, Portão, Boca do Golfinho, Rastro, Pracinha (o mais novo segmento da comunidade) e Sardinha. Esses segmentos e suas fronteiras são simbólicos (BOURDIEU, 1998), mas desempenham importância na vida do bairro e sendo repressiva zona de poder e, onde também, se constroem as trajetórias, as subjetividades, as sociabilidades e as interações cotidianas (GOFFMAN, 2012) de crianças, adolescentes, adultos e idosos do lugar, ou seja, um alto grau de significação é percebido na vida social daqueles que nasceram e se criaram ou chegaram para morar no Serviluz já na fase adulta. Um aglomerado de gerações e histórias a se contar compõe a história da própria comunidade.

² O Serviluz é uma favela à beira-mar situada numa faixa de praia de pouco mais de três quilômetros enquistada na zona portuária, entre o cais do porto e o início do circuito de turismo e lazer da Praia do Futuro. Seu nome oficial não consta como Serviluz na Secretaria Executiva Regional II, e sim como Cais do Porto. Dessa maneira, o Serviluz inexistente na configuração urbana de Fortaleza e quando falamos dele estamos falando de um dos bairros situados no Grande Vicente Pinzón, entre o Mucuripe e a Praia do Futuro. Mas o Serviluz não é a única “favela” à beira-mar da orla marítima de Fortaleza. Existe ainda Vila Velha, Barra do Ceará, Pirambu, Cristo Redentor, Moura Brasil, Poço da Draga, Praia do Futuro e Caça e Pesca. Assim como estas, o Serviluz é uma comunidade no litoral leste da cidade de Fortaleza, onde vivem 22.382 pessoas distribuídas em aproximadamente cinco mil famílias, em uma área de 2,56 km².

A comunidade do Serviluz é considerada uma das mais violentas pela ordem simbólica da cidade e militarmente ocupada pelas forças militares do Estado (SÁ, 2010) e, recentemente, passou a abrigar uma sede do Ceará Pacífico ³. A lógica interna tem sua ordem, por exemplo, um jovem da comunidade que rouba os de “dentro” é considerado um problema sério e com total descrédito. As tretas muitas vezes de cunho interpessoal passam a ser coletivas, uma série de conflitualidades se instauram nas relações intersubjetivas e nas práticas cotidianas da localidade, podendo uma pessoa se tornar uma figura subjetivamente indesejada na favela e tornar-se um “marcado para morrer” ⁴.

As crianças, os adolescentes e os jovens do Serviluz estão cotidianamente em situação de exposição à violência e à criminalidade ligada ao mundo das drogas e de tráficos de armas com recrutamento ainda na infância para realização de assaltos e outras ações criminosas. Estão expostos à violência institucional, principalmente, à violência policial. Além do mais, estão na fronteira dos agenciamentos realizados para a exploração sexual de crianças e adolescentes e o recrutamento para o mercado do sexo. São sujeitos sociais com baixa escolaridade, vítimas dos altos índices de drogadição no ambiente familiar, incluindo mães e pais, da insegurança alimentar e da exclusão sociocultural.

A CHACINA DA ESTIVA

No dia 12 de agosto de 2015 ⁵, a imprensa cearense noticiou mais uma chacina na cidade de Fortaleza, uma rotina que reverbera com a difusão dos sentimentos

³ Projeto de Segurança Pública do Ceará elaborado e executado na atual gestão do Governador do Estado, Camilo Santana.

⁴ É uma categoria nativa que representa estar ameaçado ou jurado de morte em decorrência de variadas motivações, podendo ser por conflitos interpessoais ou por conflitos com práticas criminosas, por exemplo, dívida de drogas e outras. Quem está “marcado”, geralmente, passa a tornar suas práticas cautelosas no sentido de preservar sua vida, por exemplo, mudar-se do bairro, refugiar-se em casa de parentes ou amigos distantes do seu bairro, ir embora sem avisar ninguém, afastar-se da escola, dos amigos. Mas na maioria das situações o afastamento é recíproco por parte da rede de relações de um jovem “marcado”, as pessoas não envolvidas no crime com receio de estarem acompanhadas com um “marcado” afasta-se dele, pois podem ser confundidas e entrarem na dinâmica da marcação. Dessa maneira, o jovem “marcado” tem sua primeira morte simbólica. Se formos mais longe, ele é “marcado” em maior potência por sua rede de relações afetivas, parentais e de amizades do que por aqueles inimigos que desejam exterminá-lo fisicamente. O jovem indesejável, desprezível e matável será o objeto de atenção nas narrativas das crianças dessa investigação.

⁵ Na Nova Estiva, cinco jovens foram assassinados, os crimes ocorreram no dia 11 de agosto de 2015 à noite, numa área de conflito armado que é classificada localmente como uma das mais bem armadas e com o “comando” de tráfico mais forte, organizado e equipado. No Serviluz, as pessoas por causa dessa representação compartilhada da Estiva como lugar de domínio sólido ficaram pasmas: “mas como conseguiram entrar? Ninguém entra aqui?”, perguntavam-se confirmando a representação de que a Estiva é o lugar mais armado, mais protegido, vigiado e “filmado” pelos integrantes do comando que lá controla

de medo no dia a dia e que alimenta agenciamentos dos programas policiais televisivos locais. Desta feita, a chacina foi no bairro Serviluz, no segmento territorial da Nova Estiva, um segmento do segmento Estiva, entre os vários segmentos que demarcam os pertencimentos de moradia, segundo origem, antiguidade e redes de parentesco na favela, bem como também os pertencimentos dos “envolvidos” nos conflitos armados entre as facções ou comandos em suas lutas intestinas pelo poder que envolve códigos de guerras, do mundão e da consideração nas relações de poder e dominação nos mundos do crime nas favelas à beira-mar (SÁ, 2010). Com a nova chacina, os interlocutores, moradores do Serviluz, expressaram perplexidade e tristeza devido ao fato de que a última chacina de grandes proporções havia ocorrido lá há três anos e eles não esperavam mais que isso ocorresse no bairro tão cedo, relataram inclusive que esses eventos estavam incidindo mais diretamente no bairro vizinho do Vicente Pinzõn.

As crianças foram fortemente afetadas pelo clima de medo trazido pela chacina. João e Cristiano andavam pelas ruas da Estiva, caminhando conosco (eu e os rapazes do projeto social missionário), até a casa de Dona Francisca ⁶, mãe de um dos rapazes assassinados na chacina, que teve a casa invadida no dia daquele evento crítico, seu filho foi morto dentro da casa dela, ele tinha saído recentemente da prisão e era classificado como “envolvido” no mundo do crime. Dona Francisca é também mãe de três crianças (Rosa, Eduardo, Carlos). As crianças nessa caminhada disseram que “antes 10h (22h) era cedo, agora 7h (19h) é tarde”, para ressaltar como a chacina é um marcador da experiência sociotemporal e socioespacial para meninos e meninas. Os episódios de extermínio pontuais ou as chacinas ocorridas nos últimos três anos no

o tráfico de drogas. “Será que foi a polícia?”, perguntavam-se igualmente na maioria dos interlocutores, pois havia características de invasão de um grupo armado militarizado, paramentado, com capuzes, botas, em carros pretos, motos, homens fortes, que remeteriam para características imaginadas do estereótipo do policial militar ou civil dos grupos especiais dessas corporações. “Não, acho que foi a milícia, expoliciais”, diziam outros. “Mas todos os jovens assassinados tinham passagens pela polícia, já tinham passado por prisão, logo não seria novidade se viessem e matassem eles”, avaliavam ainda. “Olha, mataram, faz pouco tempo, dois traficantes na Favela, mas não foi por esse motivo que foram lá matar eles”, e os rumores seguiam e chegavam por todos os lados, apontando para os conflitos de versões que caracterizam práticas etnográficas, pesquisando no perigo (ZALUAR, 2009). Dessa maneira, boa parte das explicações estava diretamente relacionada à ideia de extermínio cometido pela polícia, mas também, havia boatos, dizendo que as execuções foram perpetradas por um grupo de extermínio contratado para “fazer o serviço”, havendo supostamente uma briga interna à facção da Estiva, ou entre a Favela e a Estiva, ou entre a Estiva contra a Estiva. Um emaranhado de versões conflitantes que acompanha a trama dos conflitos. Um dos indivíduos considerado como cabeça do tráfico foi executado naquela noite e isso desencadeou uma nova complexidade aos fatos, pois as explicações e as justificativas passaram a ocupar boa parte das conversas informais no bairro devido à ocorrência desse evento crítico (DAS, 1995).

⁶ Todos os nomes mencionados nesse artigo são fictícios para preservar a identidade dos atores sociais.

Serviluz, uma em 2012 e outra em 2015, tornaram-se marcantes para os sentimentos de pertença dos moradores ⁷.

ROSA, IRMÃ DE MATEUS

Rosa, 8 anos, é a filha caçula de Francisca. A menina estuda numa escola pública do bairro, cursa o 3º ano do ensino fundamental. Rosa adora ir à Igreja com a mãe, louvar à Deus, assistir novelas, brincar de boneca com sua amiga, a filha do pastor, e costurar roupinhas para suas bonecas. Quando crescer, a menina Rosa sonha em ser cantora gospel ou pediatra.

Rosa, irmã de Mateus, narrou poucos meses depois da chacina que não deveriam ter sido executados cinco jovens, mas dez. A menina ao olhar as fotos do irmão assassinado narrou um pouco de como era sua relação com ele: **R:** Quando ele tava em casa ele ficava me dando língua e brincando comigo. Ficava arengando comigo. Às vezes eu gostava era muito dele. **F:** Todo mundo gostava do Mateus aqui porque ele nunca tirou vida de ninguém. **R:** Ele só pegava dinheiro da mãe. **F:** É, tirava mesmo, né Rosa? **R:** Hurum... Mas não tirava dos outro. Teve um dia que eu já vi ele pegando 10 reais ou 20 ou 2. No dia que ele morreu... Eu fiquei tão (incompreensível o que ela fala – “aperreada”, “nervosa”) que eu pensei que era um pesadelo. Aí eu fiz assim em mim (fez o gesto de beliscar-se), aí se eu abrisse os olhos de novo, era verdade.

⁷ Uma parte da infância ia ficando mutilada, tendo que fazer do silêncio diante da violência presenciada um relato de dor não dita (DAS, 1999), as restrições aumentavam, o medo tomava de conta, o medo da rua do trilho, o “medo dos outros” (CASTRO, 2012). Antes era um caso aqui e outro acolá de assassinato, a intervalos de uma ou duas ou três semanas. Mas agora foram cinco assassinatos numa única noite e todos na mesma rua, naquela rua onde as crianças costumavam brincar, apenas um dos jovens havia sido vítima de bala perdida, os outros estavam “marcados para a morte”, as mortes foram premeditadas, ou seja, as balas estavam endereçadas. No caso de Mateus, segundo o relato da mãe e de seus filhos, os assassinos entraram na casa, executando o jovem na frente dos irmãos pequenos e da mãe. As crianças recebiam os vivos e os adultos recebiam, por sua vez, os mortos. A mãe de Mateus, dona Francisca, mudou-se temporariamente para a casa da filha, segundo os boatos das vizinhas e as expressões dessa mãe, o motivo perpassava pelo temor da aparição do espírito de Mateus, mas isto não aparentava ser o mesmo temor das crianças. Elas estavam temerosas pelo retorno dos exterminadores do seu irmão e de uma nova chacina acontecer ali tão próximo, com medo de uma nova guerra. As crianças temiam mais violência, mais perdas, assim como os adultos, mas temiam também a perda de espaço para brincar nas ruas, da liberdade de estar na rua até tarde e sem medo, temiam a perda das suas redes de interações com os seus coleguinhas e o afastamento destes, por exemplo, quando crianças mudam-se com suas famílias após o assassinato de um ente ou na situação onde este está “marcado para morrer” e a família inteira deve se refugiar em outros bairros ou no interior do Estado para salvar a vida do ente envolvido no crime e a vida de todos os seus parentes. A perda simbólica dos espaços de sociabilidades e das redes de interação das crianças é potente para compreender os conflitos dentro da favela, afinal, mexem de modo significativo com o imaginário infantil e com seus agenciamentos morais sobre o lugar, as pessoas e as relações comunitárias. As brincadeiras das crianças e suas relações intersubjetivas com outras crianças do bairro restringem-se agora aos espaços de dentro das casas, a liberdade da rua, pelo menos momentaneamente, está interdita, um local que não se deve demorar muito tempo e a evitação, se possível, é necessária, por exemplo, pegar um outro caminho para chegar em casa.

A menina relatou ainda seus sentimentos no dia em que o irmão foi assassinado e de como tomou consciência do que ocorreu naquela madrugada, de que não se tratava de um sonho ou pesadelo, mas era verdade. Sempre em situações onde a mãe ou outras pessoas que integram sua rede de relações intersubjetivas mencionam ou narram o que aconteceu naquela madrugada, Rosa põe as duas mãos tampando os ouvidos, como que numa postura de distanciamento e evitando a dor, o sofrimento de rememorar pela narrativa/discurso dos outros tudo aquilo que ela presenciou. O falar é reviver, é fazer lembrar o que se deseja esquecer ou deixar viver apenas o que foi positivo para o sujeito ou para a coletividade ⁸.

Numa de nossas interações iniciamos uma brincadeira nova, desenhar o significado dos nossos nomes no caderninho de Rosa. Eu desenhei o símbolo do meu primeiro sobrenome, “Pinheiro”, desenhando para Rosa o “Pinheiro” enquanto árvore e lhe disse que era a mesma do Natal. Em seguida, lhe propus que escrevesse o seu nome completo, o da mãe e dos irmãos, ela iniciou, mas com certa dificuldade de escrever, ela falou o nome completo de todos, começando pelo da mãe, depois falou dos irmãos, Eduardo e Carlos, mas sobre Mateus ficou em dúvida, porque seu pai era outro, logo, seria outro sobrenome. Para tirar a dúvida ela correu no guarda-roupas e apanhou o álbum de fotos da família, procurava uma foto do irmão e onde pudesse visualizar seu nome completo, mas não encontrou. Então, lembrou o nome e esclarece que Mateus tinha apenas o sobrenome da mãe. Nessa conversa, quando perguntei à Rosa se sonhava sempre com Mateus, ela respondeu: “Sim, sempre que fecho os olhos. Quando penso nele e eu fecho os olhos, eu lembro do que aconteceu”. Rosa fazia referência ao dia da chacina e ao episódio em que seu irmão foi assassinado. Naquela noite, a menina estava assistindo a novela, 19h30 (segundo ela), quando ouviu o tiroteio na rua. Ela expressou a cena em detalhes e o que aconteceu antes, durante e depois da invasão dos homens

⁸ A chacina da Estiva repercutiu profundamente na vida da família de Francisca, principalmente, na dela e de seus três filhos menores, Rosa (8 anos; na época da chacina: 7 anos), Eduardo (12 anos; na época da chacina: 11 anos) e Carlos (13 anos; na época da chacina: 12 anos). Uma reconfiguração familiar era nítida após o evento do assassinato de Mateus, por exemplo, toda a família saiu da casa onde ocorreu o evento de morte e foi morar temporariamente na casa de uma das filhas de Francisca, Alexandra. Eduardo estava dormindo na casa da sua madrinha, pois a casa era pequena para abrigar à todos e o menino estava em pânico. Semanas depois a família saiu definitivamente da casa própria que tinham na rua do trilho (local do evento crítico) para morar de aluguel com Alexandra e a companheira desta (Nara), numa outra casa maior, mas ainda na Estiva. Francisca se sentia em desconforto nessa situação, pois não aceitava a relação da filha com outra mulher, afinal, para ela, e sendo evangélica, “Deus não permite a relação de duas mulheres, pois a mulher foi feita para o homem e vice-versa”. Apesar disso, Francisca gostava de Nara e que ela era “uma boa moça”. Um choque moral e religioso se fortalecia na família diante da insatisfação de Francisca.

que mataram Mateus, mas fez isto de duas maneiras: 1) através de narração verbal e interpretando a fala das pessoas que estavam em cena e 2) através do desenho da sua casa (a área interna na noite do crime e a posição dos atores em cena).

Rosa narrou em detalhes o acontecimento e as últimas palavras do irmão: “Mãe, não se preocupe, todos os seus filhos estão em casa”. Então, eles invadiram. Carlos foi para baixo da cama e por pouco não levou uma bala perdida, mas por sorte esta ficou alojada no armário da cozinha, na parte inferior, e se tivesse atravessado, pegaria nele, pois o quarto onde o menino se escondeu ficava por trás deste armário, ou seja, ele poderia ter se machucado ou morrido naquela noite, segundo Rosa.

O Eduardo se jogou na parede. A Rosa teve a atitude de pôr as mãos nos ouvidos e fechar os olhos, mas continuava a escutar os tiros e quando viu Mateus novamente, ele estava no chão “todo baleado” e morto. A mãe dizia: “Não, o que é isso? Meu filho não”. (A menina num ato muito expressivo imitou a voz da mãe, além de caracterizar a expressão corporal desta ao ver o filho morto). Rosa ainda contou-me que dos cinco rapazes assassinados naquele evento, dois eram inocentes, seu irmão e outro jovem, os dois eram amigos. Segundo Rosa, muitos inocentes morreram e completou: “Ele [Mateus] não era para ter morrido”.

Das brincadeiras que o irmão tinha com a irmã, ela recorda que ele gostava de comer na cama dela (apontou para sua cama). Mateus realizava suas refeições sentado na cama de Rosa e enquanto isso ele lhe dava língua. O rapaz era o único irmão que brincava com Rosa, ou seja, ela perdeu com quem brincar. Rosa disse: “Ele era chato, mas eu gostava dele”. Nos sonhos da menina com o irmão, na maioria das vezes, os dois estavam brincando. Para Rosa, os sonhos era a expressão do que ocorria quando ele estava vivo: “Mas é o que acontecia na realidade”. Havia forte sentimento de saudade e de uma “perda sem sentido” (inconformação), pois para ela, Mateus não deveria ter morrido, pois nas suas interpretações não havia motivos para o jovem ser assassinado, ela expressou: “Não era para ter matado ele [sic]”, e ressaltou, em seguida: “O sangue de Deus vai curar. Sabe por que Deus levou ele? Porque ele estava fazendo a mãe sofrer muito”. Rosa parecia buscar uma explicação divina para a morte do irmão.

Rosa recordou que sempre ia ao beco onde Mateus vendia drogas, perto da rua do meio, na Estiva. A menina se dirigia ao local para pedir dinheiro para o irmão e a quantia exigida por ela era sempre de R\$2 (dois reais). Rosa não gostava de vê-lo na

venda de drogas e reclamava para Mateus a situação, ao passo que o jovem aborrecido com a irmã, recusava lhe dar o dinheiro: “Tenho não, sai daqui, menina”.

Após uma longa tarde de brincadeiras e estando eu e Rosa estávamos cansadas de brincar de “Monstros S.A”, então ela sugeriu: “Tia, já sei, vamos brincar de concurso de desenho”, eu aceitei na hora. Ela apanhou seu caderninho e pediu que eu escrevesse, então sugeri que fizéssemos desenhos temáticos, mas uma de cada vez desenharia na folha. Então lhe lancei a proposta para começarmos desenhando nossa casa, então me olhou e disse que eu iniciaria. Desenhei a rua, meu prédio, lhe explicando detalhes, o objetivo era estimulá-la para que fizesse o mesmo na sua vez de desenhar. Chegado o momento de desenhar sua casa, Rosa demonstrou grande dúvida: “Minha casa? [pensou] Certo!”. A menina falou que desenharia a sua “casa de verdade”, que não era aquela onde morava, ou seja, ela representaria no papel a casa onde ocorreu o assassinato do irmão. Naquele instante fiquei surpresa com sua escolha, mas observei atentamente seus primeiros traços.

Primeiramente, Rosa desenhou apenas o contorno da casa, a parte externa, desenhou o trilho na rua, por exemplo. Então lhe perguntei se foi nessa casa que mataram seu irmão e só depois foi morar ali, ela disse que sim e falou: “eu lembro como foi” e começou a desenhar, preencher o interior da casa de acordo com o evento daquela noite. Rosa desenhava e me explicava onde estavam a mãe, os irmãos, Eduardo, Carlos e Mateus, além de expressar a posição de todos, também retratava suas reações, seus medos no momento que assassinaram Mateus. Dessa maneira, tudo o que Rosa havia me narrado antes e em outras conversas, começou a retratar no desenho, mas outros detalhes foram apresentados apenas no ato de desenhar.

Na noite do assassinato, Rosa correu para o quarto assim que os homens invadiram a casa e acabou tropeçando e caiu, ao chegar ao quarto ela tampou os ouvidos com as duas mãos, mas mesmo assim ouvi os tiros. Depois localizou Carlos, este estava dormindo e ao ouvir o barulho, escondeu-se embaixo da cama e não saiu de lá. A mãe, Francisca, implorava para que os homens não matassem seu filho, Mateus, este estava na sala, comendo e assistindo televisão. Os homens que mataram Mateus se dirigiram rapidamente para onde o jovem estava, ou seja, sabiam quem procuravam. Eduardo ficou atrás da porta, pois tentou segurá-la para impedir a invasão, afinal, todos já tinham ouvido o barulho na rua, então, sabiam (ou pelo menos, pressentiram) que iriam entrar.

Francisca se recusou a abrir. Eduardo não conseguiu impedir que entrassem, eles empurram a porta e o menino foi arremessado contra a parede, suas costas ficaram machucadas com a ação. Apenas Francisca e Eduardo presenciaram de modo ocular a cena da execução de Mateus, mas de algum modo todos presenciaram, vendo, ouvindo e sentindo medo, afinal, todos estavam em casa naquela noite.

A menina após desenhar a casa internamente e ao mesmo tempo em que indicava onde todos estavam no dia 12 de agosto de 2015, desenhou os girassóis plantados na lateral da casa, sementes de girassol, “Os girassóis, meu e do Eduardo, morreram também”. Rosa contou-me que as balas pegaram neles, pois depois do evento não se desenvolveram, o que passou a constatar no dia seguinte. A menina talvez quisesse expressar que não foi apenas Mateus que havia morrido, os girassóis que ela e Eduardo cultivavam com tanto carinho também, ou seja, houve mais do que uma perda no imaginário simbólico de Rosa. Em seguida, Rosa sugeriu o próximo desenho temático da nossa brincadeira, desenhar uma rosa, mas agora era a sua vez de iniciar. A menina não desenhou uma rosa, e sim um girassol com pétalas cor de rosa, mas, para ela, era uma rosa. O desenho talvez fosse a projeção do girassol que cultivava na antiga casa e que não teve a chance de vê-lo crescer.

O trauma ou a destruição do vínculo de parentesco para Rosa se evidenciava em várias situações, por exemplo, certa vez, a menina estava na casa de Bia, sua amiga, e de repente imaginou ouvir um tiroteio. Rosa se assustou e correu para o quarto da amiga e ficou chorando. Mas, na verdade, era o irmão de Bia estourando balões no cômodo ao lado, sendo informada disto, ela acalmou-se e voltou a brincar.

Sobre Mateus e suas crenças, Rosa comentou que ela era uma crente e certamente subiria aos céus no momento do Apocalipse, mas que Mateus não era crente. Então lhe perguntei: “As pessoas que estão no caixão, que já morreram não vão subir?” e como resposta a minha indagação, ela respondeu: “Os crentes creem e fazem a vontade de Deus, vão subir e os que não são, vão ficar na Terra sofrendo. Eu não quero ficar na Terra”.

O imaginário da menina era carregado de representações. Uma vez caminhando com Rosa e Eduardo na rua, a menina gritou para o irmão que estava vendo a “gaia mortaia” (uma ave, segundo Eduardo). Então ele exigiu que a irmã parasse com aquilo. A menina, em seguida, me contou que a “gaia mortaia” sobrevoou a casa da

madrinha do Mateus e por isso ele morreu. Eduardo com raiva com a insistência da irmã, gritou: “menina, cala a boca”. A ave que remetia à morte e o assassinato de Mateus poderia ser a crença de um aviso ou premonição no imaginário da menina.

Numa determinada tarde, nossa primeira brincadeira foi jogar “Monstro S.A”. Finalizada a segunda rodada do joguinho, Rosa aceita minha proposta para que conversássemos, mas um diálogo gravado assim como havia sido uma vez. Retirei o gravado e o liguei com a permissão de Rosa, o posicionei embaixo da cama para que não ficasse tão visível para ela, ou seja, não gerasse intimidação na menina, mas mesmo assim ela olhava o gravador assustada e curiosa, era inevitável a atenção que ele despertava nela. Quando lhe disse que poderia falar o que ela quisesse e que conduziria a conversa, mas que poderíamos retomar os pontos anteriores, como por exemplo, falar do irmão Mateus, ela não me deu ouvidos, simplesmente sugeriu que apanhássemos as duas figuras-personagens (que havíamos escolhido como parecidas conosco) do jogo *Monstros S.A.* Aceitei a sugestão. Rosa dirigiu toda a cena, iniciou a interpretar uma conversa comigo a partir da peça do jogo, onde ela começou a dizer: “Amiga, olha aquele gravador, vamos até lá. Ele é enorme, maior do que a gente”, então me exigiu uma resposta ou reação, eu ainda tentando entender sua brincadeira, entrei no *jogo de cena* sem me interrogar tanto, a brincadeira era entrar no seu ritmo lúdico, mas fazendo pesquisa de campo ao mesmo tempo.

Depois Rosa expressou pela brincadeira uma transformação de personalidade (ou troca de condição) e transferência ⁹, onde Rosa era Deiziane e eu seria a menina. Ela conversava comigo dizendo que ela fazia faculdade (perguntou-me cochichando que faculdade eu fazia) de Ciências Sociais, em seguida, a menina fez perguntas sobre minha mãe e minha família (perguntas dirigidas a minha personagem – peça do jogo), então eu respondia como sendo Deiziane, e não como Rosa. Então, lhe fiz os mesmos questionamentos, a menina ficou confusa e me falou que não era daquele jeito a brincadeira, daí lhe expliquei que não havia compreendido, Rosa conformou-se e respondeu minhas perguntas. Rosa mais uma vez disse que sua mãe é chata e que briga

⁹ Rosa realizava uma mudança de personalidade, ou melhor, uma inversão de condição, onde ela seria a Deiziane, estudante e pesquisadora, e eu deveria ser Rosa, a menina que tem uma mãe chata e que está triste com a perda do irmão. A brincadeira, conduzida por ela, se caracteriza como um jogo de perguntas e respostas, ela buscando informações sobre mim, mas Rosa se colocava como a pesquisadora e eu deveria ser a criança pesquisada, se pensarmos na maneira como a menina se expressava.

muito com ela, perguntou quando iria conhecer minha mãe e quando viria na minha casa, pois quer passar um fim de semana comigo. Nesse momento a estimei para que falasse da sua família, dos irmãos, mas a menina apresentava uma resistência em falar sobre ela e outros assuntos, principalmente, sobre Mateus e, em determinada situação, escolheu para si um nome fictício, onde passou a se sentir à vontade e relatou com mais detalhes sobre seus sentimentos, a relação com o irmão e o dia da chacina.

Primeiramente, relatou que os irmãos menores, Eduardo e Carlos, são chatos e que batem nela: “Eles ficam me xingando, eles ficam me chamando de cabelo de fuá, eles só ficam falando isso porque eu tenho o cabelo lindo e cacheado, liso...” (interpretando). Sobre a relação com Mateus, seu envolvimento com drogas e as saudades foram seguidas de interpretações mescladas com falas espontâneas: **R:** O meu irmão era muito bonzinho. Eu sempre ia pro lugar onde ele usa... onde ele vendia droga. Aí eu ficava pedindo dinheiro. E ele morreu numa chacina, eu tô muito triste com isso, amiguinha (interpretando – choro). **D:** Ah... eu entendo, compreendo sua tristeza. (interpretando). O que é que você sente? **R:** Uma dor no meu coração... quando falo dele (interpretando - choro). **D:** Você sente falta dele? **R:** Muito, muito, muito. Ai... eu tô ficando tonta. (interpretando). Tá aqui a outra menina boazinha. “Amiga... pegue o canto de impostos”. (interpretando – choro). E tu, não vai fazer hora comigo, não? (me interroga). **D:** Amiga, me dá um abraço. (interpretando). **R:** Eu tô desmaiada. **D:** Tá desmaiada? Acorda, acorda (interpretando). Dentre seus irmãos do sexo masculino, Rosa mantinha uma relação mais amistosa com Eduardo. A menina diferenciava a relação com os irmãos, Eduardo e Carlos, e inseriu na sua narrativa as lembranças e o sentimento de proteção, mas também, de predileção pelo irmão mais velho, Mateus.

Rosa explicou suas percepções sobre a morte, o inferno, o céu, como será o dia do Apocalipse, o porquê Mateus foi assassinado ou a trajetória que, possivelmente, o levou a morrer. **D:** Certo. Então só vão por céu e pro inferno as pessoas que morrem, é isso? **R:** Eu não sei, quem sabe é Deus. **D:** Não, eu tô dizendo assim, é só quando a gente morre é que Deus manda a gente... é isso, que Deus vai mandar ou pro céu ou pro inferno? **R:** Vai ter uma coisa é... Se a gente matar alguém... vai pra esse, vem pra cá, vai pra lá. Aí: “Você já matou alguém?”, “Não”, então foi pra cá pro meu reino. “Você já matou alguém?”, vai pra lá, vem pra cá, vai pra lá (agitada). **D:** Isso é só quando tiver o Apocalipse, se vai pro céu ou inferno, é isso? **R:** Não quero que aconteça isso não, porque o mundo vai se acabar todim. Aí Deus tem que construir tudo de novo. **D:** O

Apocalipse vai acabar tudo? **R:** É. Com o mundo daqui de baixo. **R:** Elas... O (fala o nome de alguém – inaudível) disse né que ele acha que as pessoas que morrem ficam no seu local de... jazido. Aí quando Deus tocar a trombeta eles vão direto pro coisa e vão ficar ajoelhado diante a Deus, aí Deus vai falar tudo para o que ele não foi fiel a Deus. Que ele morreu na cruz por nós, ele ressuscitou, nosso salvador. **D:** E o Mateus, o seu irmão, ele tá aonde agora? **R:** Eu não sei. O único problema dele era usuário de droga, ter esse problema com vício né, mas eu só sei que ele nunca matou ninguém. E as pessoas já chamaram ele [sic] pra roubar... pra roubar um carro. Aí ele falou: “Não, não vou, não, por causa de que não gosto de fazer isso, não”. **D:** Rosa, e por que mataram ele? **R:** Por causa que ele já foi preso, por causa que ele era... que ele coisava droga. **D:** Ele vendia? **R:** É e também usava. **D:** Mas aí ele não morreu no presídio, né. Ele já tinha sido solto. **R:** E esses policial que mataram as pessoa eles só queriam os preso, ele só queria homem e as pessoa que já foram presa ¹⁰. Na continuação da nossa conversa, Rosa revela que já sonhou com os policiais que mataram seu irmão. Nesse sonho ela presenciou policiais cometendo crimes, então resolve denunciar na delegacia, mas acordou do sonho nesse exato momento.

Rosa relatou suas concepções de merecimento de morte e quem teria a autoridade de retirar a vida de uma pessoa: **D:** Mas você acha que as pessoas que são presas, que usam drogas, elas... têm que morrer assim? (balança a cabeça em negativa) Não? **R:** Ninguém tem que morrer assim, porque só quem tira a vida tem que ser Deus, ninguém e mais ninguém. Agora a gente querer tirar a vida de outra pessoa só por causa de uma besteirinha (revolta e raiva). E também querendo acabar o crime, isso já é demais. Agora dá uma pisinha, bom, é pouco, mas agora matar (aterrorizada) ¹¹. **D:** Então o que deveria ser feito para que essas “besteirinhas” aí que você tá falando não serem mais feitas e não ter mais tanto crime? **R:** Deus voltar. **D:** E o que Deus vai fazer, se ele voltar? **R:** Eu não sei. Eu só sei que eu amo ele mais do que minha mãe. Não, eu

¹⁰ Rosa dimensionava a situação numa perspectiva aleatória por um lado, mas determinada por outro. Os policiais estariam naquela noite procurando homens no seguinte perfil: ex-presidiário e envolvido no tráfico de drogas, e o objetivo era uma higienização social na localidade. A visão da menina não era contraditória, mas parecia mascarar outras questões mais complexas do extermínio de jovens por policiais nas periferias.

¹¹ Mateus havia saído da prisão poucos dias antes da chacina, mas nunca matou ninguém, segundo a família, só vendia e usava drogas, dessa maneira, para Rosa, não existiam motivos para matarem seu irmão, na compreensão da menina “uma besteira dessa” não era justificável, bater poderia ser, mas matar não, e além disso, “só quem pode tirar a vida é Deus, mais ninguém”.

amo cada um do mesmo amor, meu pai, minha mãe e o meu outro pai e a minha outra mãe. Deus e Deus.

Noutra tarde, a menina lançou uma proposta, brincar de psicólogo. Primeiro, ela me falou: “Vamos brincar daquela pessoa que escuta quando alguém tá muito triste, como se chama?”, eu: “Quem? Psicólogo?”, ela: “É” (empolgada). Rosa então começou a me explicar como seria essa brincadeira: eu seria a pessoa triste ¹², que “perdeu um irmão de mentirinha, que não comia mais, chorava muito e só queria ficar dentro do quarto, não queria mais sair”. A proposta da menina se referia a ela mesma, o trauma de perder o irmão. Então lhe falei: “Você ficou assim, sem querer comer, chorando e sem querer sair de casa quando o Mateus morreu?”, responde que apenas chorou muito, mas continuou brincando, “Você acha que só porque meu irmão morreu eu vou deixar de me divertir? Não” (sorrir). A fala de Rosa me espantou, havia um misto de crueldade e trauma na sua manifestação (pensei assim naquele instante). Então, entrei em questionamento: Onde estava a inocência e pureza das crianças? Um adulto falaria assim? Seria um julgamento moral o que estou fazendo?

EDUARDO, IRMÃO DE MATEUS

Eduardo, 12 anos, se auto define como “uma pessoa formal, que gosta muito de ciências, né, claro, e gosta também de estudar. Pessoa direita e só. E que gosta também de ir pra Igreja” ¹³.

Sobre o irmão Mateus, Eduardo narrou que este morreu numa chacina e que estava presente no local do crime, escondeu-se atrás da porta e permaneceu ali até que

¹² Era a segunda vez que Rosa me sugeria essa brincadeira de trocarmos de condição. Após a chacina e com as manifestações apresentadas por Rosa (choro repentino, tristeza, muito calada), a menina ia ser acompanhada por uma psicóloga no CRAS, mas a mãe resolveu não levá-la, pois “Deus iria curar”, segundo sua percepção.

¹³ O menino é evangélico desde os 4 ou 6 anos de idade, atualmente pertence a mesma Igreja da sua mãe (Assembleia de Deus). Ele está cursando o 7º ano do ensino fundamental numa escola municipal de tempo integral no Serviluz. A família possui um alto grau de significação para Eduardo: “pra mim, minha família é tudo. Assim... tirando Deus, a minha família pra mim, é tudo, é esperança, é tudo, principalmente, meus pais”. Um fato interessante ocorreu após o evento da chacina, Eduardo se engajou fortemente na Igreja, por exemplo, mesmo a mãe não indo aos cultos, o menino não faltava um encontro, participava das vigílias, eventos que a mãe raramente se interessava em estar presente. Um movimento reverso se expandiu na família com a morte de Mateus, Eduardo aproximou mais da Igreja e, assim, mais de Deus (ou da “palavra de Deus”), e Francisca se afastou gradativamente dessa instituição. A associação entre esses dois movimentos e a morte do jovem estavam imbricados com os sentimentos e o modo que mãe e filho estavam vivenciando essa dor da perda, onde silêncio, choro, crença (agarra-se na fé) e falar eram expressões (re) construídas no patamar das relações de parentesco, mas também, da espiritualidade e dos grupos que mobilizassem (pelo menos a promessa) algum conforto ou acolhida.

os homens fossem embora da sua casa. **D:** Ele morreu como? **E:** Numa chacina que teve (voz embargada). **D:** E o que é chacina pra você? **E:** Num sei explicar. (voz embargada e zangada). **D:** Tu tava nesse dia em casa? **E:** Tava... De trás da porta (fala mais livre). **D:** E como foi, Eduardo? **E:** Eu não gosto de explicar, tia. Não gosto de dizer (triste e zangado). **D:** Mas tu tava atrás da porta por quê? **E:** Do nada, eu fui lá pra de trás da porta. Ai foi na hora que eu fiquei, aí coisaram. **D:** Coisaram, como assim? **E:** Eu não gosto não, tia, de dizer. **D:** Que abriram a porta? **E:** Foi (triste). **D:** E entraram, invadiram? **E:** Foi (triste). **D:** Mas o tempo todo ficou atrás da porta? **E:** Hurum... Foi (triste). **D:** Por que você não gosta de falar? **E:** Porque eu não gosto (triste). **D:** Você viu tudo que aconteceu? **E:** Hurum... O menino revelou que não gostava de falar sobre o evento do assassinato do irmão e durante toda nossa conversação mostrava-se aborrecido, inquieto e me pedia que mudássemos de assunto ou que voltássemos a conversar sobre sua escola, isso quando não implorava para que eu pausasse o gravador, momento que informou que não desejava falar mais naquele assunto. Eduardo muito resistente e zangado com os assuntos referentes ao irmão assassinado iniciou uma estratégia de “fazer-se de esquecido”, falar de Carlos quando eu perguntava sobre Mateus ou que eu deveria perguntar para sua mãe, pois ela saberia me informar melhor sobre a vida do irmão e como tudo aconteceu. Eduardo transferia para a mãe o discurso de autoridade sobre o evento, além de reconhecer um papel nela como a responsável para justificar aos outros como tudo aconteceu. Mas Eduardo comentou previamente quem era seu irmão e como era sua relação com ele: **D:** E quem era o Mateus? **E:** Ele trabalhava. **D:** Ele trabalhava? **E:** Carteira assinada. Aí depois ele quis ir, né, para esse mundo das drogas. **D:** Mas como era, ele só usava, vendia? **E:** Eu num sei, não (zangado). **D:** Como era a relação de vocês dois? **E:** Não era muito próximo dele, não. **D:** Por quê? Tu não gostava dele? **E:** Não, gostava, mas não tanto assim como o Carlos e a Rosa. **D:** Mas vocês nem conversavam? **E:** Conversava. **D:** Se eu fosse pra falar assim para você, Eduardo, uma lembrança que tu tem do teu irmão, do Mateus, só vocês dois e tudo, que foi uma coisa muito legal, assim, que foi feliz, o que é que tu lembra? O que vem na tua cabeça? **E:** Huum... Quando eu ficava discutindo com o Carlos e ele ficava... ele pedia pra separar. O menino comentou ligeiramente e revelou que sente saudades das brincadeiras com o irmão, apesar de não serem muito próximos, mas ao mesmo tempo aparentava ter receio de aprofundar a conversa, num misto de desconfiança, tristeza e irritação.

CARLOS, IRMÃO DE MATEUS

Carlos, 13 anos, não é evangélico como seus irmãos menores e sua mãe. Ele estuda numa escola pública no Serviluz, onde tal escola é considerada local de “meninos problema”. Carlos está no 5º ano do ensino fundamental, turma de PCA¹⁴ e como diversão adora estar na praia, sozinho ou com os amigos.

Na perspectiva de Carlos, o irmão Mateus foi assassinado por engano, pois, na verdade, os homens procuravam Conrado naquela noite. Assim que os homens invadiram sua casa e observaram Mateus na sala, perguntaram para Francisca: “É o ‘Conrado’?”, F: “Não, é o Mateus”. Só após essa confirmação, eles atiraram no jovem.

O menino, assim com os dois irmãos menores, também estava em casa naquela noite e foi o primeiro a perceber uma movimentação diferente na rua, sabia que iam entrar na sua casa. Rosa escutando nossa conversa comentou: “Ele tava dormindo e das crianças só eu e Eduardo vimos tudo”. Ele negou a informação da irmã e disse que viu os primeiros tiros, presenciando o momento em que o irmão caiu para trás (com uma fidedigna expressão corporal, ele incorporou alguém que está sendo alvejado pelas costas). Em seguida, o menino saiu da sala e correu para debaixo da cama no cômodo ao lado. Relatou sobre a bala que ficou alojada no armário da cozinha e da possibilidade de ter lhe atingido e ele vir a morrer, ainda falou: “Senti medo, chorei, né, mas na hora não tem muito que o cara pensar, não”. Rosa complementou a narrativa de Carlos ao dizer que, enquanto os homens atiravam no seu irmão, sua mãe quis se lançar à frente de Mateus, deseja protegê-lo, mas desistiu, e “se ela tivesse feito isto teria morrido também” e elas (as crianças) ficariam sozinhas. Após a execução do seu irmão, Carlos viu os carros se encontrando e indo embora, no total eram três carros, dois pretos e um vermelho. Saíram carros da rua do meio e do beco. Os homens estavam encapuzados, eram grandes e estavam bem armados, segundo o menino.

Carlos revelou sentir saudades do irmão. Rosa observando a expressão de tristeza do menino ao falar isso, resolveu delatá-lo para mim: “Mentira, eles brigavam era muito”, ele retrucou: “Mas era de brincadeira”. Dos momentos bons e das lembranças, Carlos recordou que o irmão que lhe avisava todas as noites para trancar sua bicicleta, que ficava na porta de casa, para não ser furtada. Há alguns meses atrás

¹⁴ Programa de Consolidação da Alfabetização I e II. PCA é um programa onde a escola testa o grau de aprendizado do aluno para, então, definir o ano em que este será alocado no semestre letivo.

sua bicicleta foi furtada (após a pacificação) e Carlos tinha certeza que se o irmão fosse vivo na época, ela não teria sido roubada, pois Mateus nunca se esqueceria de aconselhá-lo sobre esse risco.

Sobre quem assassinou seu irmão, afirmou serem policiais os responsáveis, pois os homens estavam bem armados e eram fortes. Além disto, concebia como errado o que aconteceu contra Mateus. Havia uma evidência para o menino de que o crime foi cometido por policiais, o relato de uma mulher, vizinha deles e moradora da Estiva; ela reconheceu um dos atiradores apenas pelos olhos (verdes) quando este estava em serviço. Este reconhecimento se deu, porque, logo após a chacina, uma viatura da polícia passou na rua e essa mulher identificou um dos policiais como um dos homens que atirava naquela noite. Além disto, havia outra evidência clara para Carlos, alguém ouviu dois policiais que faziam plantão no Centro falarem um para o outro: “Macho, não era para ter matado tanta gente. Era só o ‘Conrado’ e os outros dois” (Carlos põe a mão na cabeça ao interpretar a fala do policial, como numa demonstração de desespero). Na noite da chacina, segundo Carlos, os policiais caçavam apenas três jovens, Conrado e seus dois amigos, “Iam pegar só três, não encontraram, endoidaram e saíram matando todo mundo que tava na frente”. Esses jovens formavam um grupo que assaltava e furtava na Praia do Futuro (vizinho ao Serviluz) e eram classificados como homicidas de policiais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O luto (moral e social) dos entes não se expressava tão latente para as crianças como o era para os adultos em determinadas situações. A agregação de simbologias e valores sociais ainda procurava se imbuir na socialização das crianças, na formação do ser social (DURKHEIM). O luto era ativado conforme a relação, o laço e a memória que a criança havia guardado do jovem assassinado. Esse aspecto não era uma especificidade das crianças, também ocorriam para os adultos, mas as apresentações desse luto, o modo de dizer e a sinceridade eram mais emergentes na maioria dos casos. A obrigação do luto para os adultos era mais repressiva, exigida moralmente, eles agiam em muitas situações através de uma etiqueta social e moral da pessoa enlutada, enquanto as crianças apresentavam mais espontaneidade, ainda possuíam uma margem de liberdade e com menos condicionamentos. Mas, por outro lado, a expressão de luto das crianças era fundamentalmente situacional, por exemplo, diante da mãe que perdeu

um filho, uma menina de 9 anos minimamente demonstrava tristeza (luto) pelo irmão, pois “falar dos mortos não era assunto de criança” ou porque não queria deixar sua mãe ainda mais tristes (os dois casos se aplicam à Rosa também).

A morte enquanto tabu para as crianças geravam silenciamentos, mas também, expressões de raiva e desejo de vingança, no caso de Lucas (11 anos), que perdeu o pai e o tio materno assassinados; do primeiro, o menino tem profundo sentimento de perda familiar, mas do segundo, não, pois este matou seu pai. A destruição do vínculo de parentesco foi gestada de dentro da família, uma dor incomensurável para ele. Dessa maneira, a heterogeneidade das situações e das configurações da morte de um jovem que davam o tom de enlutamento das crianças.

A destruição do vínculo de parentesco também ganhava uma dimensão extensa das relações de mutualidade e laço familiar nas situações de jovens assassinados. A fratura da perda era, na maioria das vezes, mais sofrida, enlutada e considerada por vizinhos e colegas. Por exemplo, uma menina de 13 anos, moradora da Pracinha, relatou que sentia mais pela morte do seu vizinho, do que a morte do seu tio, ambos assassinados na mesma semana, ou seja, a relação afetiva construída com seu vizinho foi levada mais em consideração do que o laço consanguíneo da menina com seu tio. As estruturas da parentela extensa possui um grau de complexidade tão rizomático que a destruição do vínculo com o tio não se fez como mais importante para aquela criança.

As lutas simbólicas, as segmentaridades e os interstícios imaginários das crianças dentro do Serviluz povoavam seus relatos e, além disto, falar de “marcados” era assunto tabu para elas, afinal, há uma rede de restrições, uma expressão disso é quando a mãe de Rosa lhe constrangeu dizendo certa vez: “Não quero você falando disso, não é assunto de criança”. Aquilo que não é assunto de criança despertava a imaginação, potencializava os relatos. E quando crianças, como Rosa, perdem entes próximos como fazer para externalizar essa dor? Quem desejaria escutá-las ou lhes daria ouvidos? Será que realmente a morte marcada na favela não é assunto de criança?

A “morte matável” no imaginário das crianças pesquisadas é enxertada por metáforas, transcorridas nas brincadeiras e nos modos de expressões espontâneas e num modo “quase adulto de ser” elas procuram potencializar e falar sério sobre as questões que as incomodam. As brincadeiras são expressões das conflitualidades presenciadas e

sentidas por meninos e meninas nessa pesquisa, onde o fato de um menino estar preocupado com a hora que a reunião do projeto vai terminar torna-se motivo de zombaria perante os colegas, pois foi interpretado como estando “marcado para morrer”, logo, tem que correr contra o tempo e dos perseguidores para continuar sobrevivendo.

A vida e as ações das crianças deveriam estar correlacionadas com as exigências e expectativas dos pais e cuidadores, afinal, elas estavam em processo de socialização. As suas crenças, as compreensões sobre o mundo, as atitudes, as exigências de comportamento, de fala, de seu modo de conceber as relações e interpretar as situações pareciam estar debruçados para essa perspectiva, a construção de uma moral positiva e lúdica, mas que transcorriam em outros termos quando elas deixavam exaltar suas potências agentivas sobre o universo social. Elas não perdiam de vista seu poder agentivo e, enquanto, atores capazes de interpretar e resignificar as situações sociais, de questionar, se opor, pensar e repensar como responderiam as adversidades transcorridas com a destruição do vínculo de parentesco, elas sempre se mostraram atentas, astutas e bem informadas sobre o mundo que habitam, seja em casa, na rua ou na escola. Rosa, Carlos e Eduardo eram crianças interessadas na nova reconfiguração familiar que se instaurava, mas também, estavam atentas as suas sociabilidades e socialidades, diante da destruição do vínculo de parentesco, afinal, elas eram diretamente afetadas com esse contexto. A agência moral desses meninos se expressava intensamente, fosse para julgar os atos do jovem assassinado, Mateus, ou fosse para desmistificar o senso comum.

A potência agentiva e a compreensão de mundo desses meninos e meninas são profundas imersões para compreender o contexto social no Serviluz, os conflitos, as “mortes marcadas” (“matáveis”) e as percepções sobre vida, morte, mortos, justiça, vingança, família. Além disto, os eventos compreendidos entre a chacina e a pacificação no Serviluz, (enquanto eventos extremos e críticos), mas também, após o “acordo de paz”, demonstram o grau de complexidade e manifestações de conflitualidades em torno dos discursos e práticas das crianças e dos adultos, e o quanto a destruição do vínculo de parentesco ainda lhes afligiam. Na família de Francisca e das suas crianças essa configuração era nítida. A cada novo acontecimento e evento conflituoso, a reconfiguração se atualizava, as feridas se abriam, sangravam e a dor não era sanada,

então um conjunto de novas esperanças e perspectivas deveriam ser reconfiguradas para que pudessem (fossem capazes) de continuarem sobrevivendo.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Deiziane Pinheiro. “Não tenho medo da estiva, não”: crianças entre interações e acusações na comunidade do Serviluz. **Monografia (Graduação em Ciências Sociais)**. UFC, 2014.
- BOURDIEU, P. **A economia das trocas linguísticas**: o que falar quer dizer. São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1996.
- _____. Violência Simbólica e Lutas Políticas. In.: **Meditações Pascalianas**. Oeiras: Celta Editora, 1998.
- _____. **A miséria do mundo**. 9.ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- CASTRO, Eduardo Viveiros de. O medo dos outros. **Revista de Antropologia**, [S.l.], v. 54, n. 2, ago. 2011.
- COHN, Clarice. **Antropologia da Criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005.
- _____. A criança, a morte e os mortos: o caso mebengokré-xikrin. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 16, n. 34, p. 1-25, July/Dec. 2010.
- CORSARO, William A. **Sociologia da infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- DAS, Veena. **Critical Events: An Anthropological Perspective on Contemporary India**. New Delhi: Oxford University Press, 1995.
- _____. Fronteiras, violência e o trabalho do tempo: alguns temas wittgensteinianos. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 14, n. 40, p. 31-42, June, 1999.
- DELUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. Micropolítica e segmentaridade. In.: **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 3/tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suelly Rolnik – São Paulo: Ed. 34, 1996.
- DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. 3.ed. São Paulo: Martins, 2014.
- _____. **A educação moral**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- Entrevistas com M. J. Sarmento. **É preciso ouvir as crianças**, agosto de 2011. Disponível em: <<http://revistaeducacao.uol.com.br/textos/161/artigo234827-1.asp>> Acesso em: 30 ago. 2014.
- FABIAN, J. A prática etnográfica como compartilhamento do tempo e como objetivação. **Mana**, vol. 12, n. 2, pp. 503-520, 2006.
- FAVRET-SAADA, J. Être affecté, Gradhiva. **Revue d’Histoire et d’Archives de l’Anthropologie**, v. 8, PP. 3-9.
- FONSECA, Cláudia. **Família, fofoca e honra**: etnografia das relações de gênero e violência em grupos populares. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2000.
- _____. O abandono da razão: a descolonização dos discursos sobre a infância e a família. **Psicanálise e colonização: leituras do sintoma social no Brasil**. Porto Alegre: **Artes Médicas**, 1999.
- _____. Olhares antropológicos sobre a família contemporânea. “Da família ao parentesco em sociedades complexas”. Participação na Mesa Redonda “O lugar da família na ciência contemporânea: desafios e tendências na pesquisa”. **Congresso Internacional Pesquisando a Família**, Florianópolis, 24-26 de abril, 2002.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Aula inaugural no Collège de France. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 21ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 2011.
- _____. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. Petrópolis, RJ: Vozes, 1983; 1999.
- _____. A vida dos homens infames. In.: **Ditos & Escritos, v. IV**: estratégia, poder-saber. 3 ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.
- FREUD, S. **Luto e melancolia**. Sigmund Freud Obras Completas. Vol. 12. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Trabalho original publicado em 1917).
- GEERTZ, Clifford. O pensamento como ato moral: dimensões éticas do trabalho de campo antropológico nos países novos. In.: **Nova Luz sobre a Antropologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1975.
- _____. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: LTC Editora, 2012.
- GOLDMAN, Marcio. Alteridade e experiência: antropologia e teoria etnográfica. **Etnográfica**, vol. X, n. 1, pp. 161-173, 2006.
- MAUSS, Marcel. A expressão obrigatória dos sentimentos. In: OLIVEIRA, Roberto Cardoso de (organizador). **Marcel Mauss**: antropologia. São Paulo: Ática, 1979.
- PEREIRA, L. M. A criança kaiowa, o fogo doméstico e o mundo dos parentes: espaços de sociabilidade infantil. **32º Encontro Anual da Anpocs**. Disponível em: <http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=2454&Itemid=230>
- PIRES, Flávia. Ser adulta e pesquisar crianças: explorando possibilidades metodológicas na pesquisa antropológica. **Revista de Antropologia**, V. 50, n. 1, USP, 2007.
- PIRES, Flávia F.. Pesquisando crianças e infância: abordagens teóricas para o estudo das (e com as) crianças. **Cadernos de Campo** (USP), v. 17, p. 133-151, 2009.
- PIRES, Flávia F. Cidade, casa e igreja: sobre Catingueira, seus adultos e suas crianças. **Campos** (UFPR), v. 8/2, p. 65-79, 2008.
- Antonio Giovanni Boaes Gonçalves ; **PIRES**, Flávia Ferreira. Editorial. Crianças: um enfoque geracional. **Política & Trabalho** (Online), v. 43, p. 9-10, 2015.
- PIRES**, Flávia Ferreira; RIBEIRO, F. B. Crianças: um enfoque geracional. **Política & Trabalho** (Online), v. 43, p. 13-17, 2015.
- SÁ, Leonardo Damasceno de. Guerra, Mundão e Consideração. Uma etnografia das relações sociais dos jovens do Serviluz. 2010. **Tese (Doutorado em Sociologia)** – Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.
- _____. “Moralidades possíveis e o sujeito como multiplicidade de práticas: um campo aberto de questões”. In: **Pensando bem**: estudos de sociologia e antropologia da moral. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2014.
- SARMENTO, M. J. Gerações e Alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 361-378, Maio/Ago. 2005.
- SCHUCH, Patrice; RIBEIRO, Fernanda B.; FONSECA, C. Infâncias e crianças. Saberes, tecnologias e práticas. **Civitas**, Porto Alegre, v.13, n. 2, p. 205-220, maio-ago. 2013.
- SEGALÉN, Martine. e Francoise Zonabend. “Familles en France”. In **Histoire de La famille, vol.3: Le choc des modernités**. Paris: Armand Colin, 1986.
- SIMMEL, Georg. **Georg Simmel**: Sociologia. Evaristo de Moraes Filho (org.). São Paulo: Ática, 1983, PP. 7-86/ 122-164.
- WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.
- WERNECK, Alexandre. Sociologia da moral como sociologia da agência. **RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 12, n. 36, pp. 704-718, dez. de 2013.
- ZALUAR, Alba. Pesquisando no perigo: etnografias voluntárias e não acidentais. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 557-584, Oct, 2009.